

Manhães da Psicanálise

Vera Márcia Ramos¹

Se eu pudesse viver novamente a minha vida,
na próxima trataria de cometer mais erros.
Não tentaria ser tão perfeito, relaxaria mais.
Seria mais tolo ainda do que tenho sido,
na verdade bem poucas coisas levaria a sério.
Seria menos ingênuo, correria mais riscos, viajaria mais,
contemplaria mais entardeceres, subiria nas montanhas, nadaria mais rios,
iria a mais lugares onde nunca fui, tomaria mais sorvete e comeria menos lentilha.
Teria mais problemas reais e menos problemas imaginários.
Eu fui uma dessas pessoas que viveu sensata e produtivamente cada minuto de sua vida.
Claro que tive momentos de alegria
mas, se pudesse voltar a viver, trataria de ter somente bons momentos.
Por que, se não sabem, disso é feita a vida, só de momentos, não os perca agora.
Eu era um desses que não ia a parte alguma sem um termômetro,
uma bolsa de água quente, um guarda chuva e um pára-quedas.
Se voltasse a viver, começaria a andar descalço no começo da primavera,
e continuaria assim até o fim do outono.
Daria mais voltas na minha rua, contemplaria mais amanheceres
e brincaria mais com crianças se tivesse outra mesma vida pela frente
Mas já viram tenho 85 anos e sei que estou morrendo.

Instantes – Jorge Luis Borges.

“- Estamos falando da liberdade e da forma simples com que as pessoas devem ter para se comunicar. Uma coisa que a gente sendo paulista aprende, porque dizem que paulista é bem fechado, verdade que é, mas na intimidade devemos ser simples, conversar com naturalidade, discutir as coisas com as pessoas. Ainda mais sendo da mesma especialidade o encontro deve ser amigável” – Diz Maria Manhães.

Foi desta forma amistosa e carinhosa que Maria Manhães me recebeu em sua casa e sua intimidade, me introduzindo na sua história de vida, bem como nas suas origens. Logo de início, conversamos sobre os relacionamentos, e a importância da não discriminação.

Nasceu em 1º de outubro de 1917 em São Carlos, no interior de São Paulo. Aprendeu a cumprimentar todo mundo. Conta com orgulho que seu pai era médico do bispo, mas aprendeu com sua mãe a andar na rua e cumprimentar as prostitutas. Sua mãe lhe dizia:

“- Cumprimenta, você nem sabe, mas muitos podem ser clientes de seu pai”. “Não vai convidar para lanche na sua casa, mas é uma pessoa da cidade, e eu aprendi desde pequenininha a cumprimentar as prostitutas”.

¹ Membro efetivo e didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

Um Esboço de Biografia:

Seu pai, Doutor Manhães, era negro, de estatura mediana nem gordo nem magro. Falava muito bem francês e alemão, imprescindível para os médicos da época. Escrevia e discursava com muita facilidade. A mãe, Dona Caridade era mulata de pele clara, com os traços negros acentuados. Recebiam em sua casa os visitantes importantes.

Uma curiosidade acerca do seu nascimento que foi em 1º de outubro de 1917, a guerra ainda devastava o cenário Europeu, foi registrada no cartório como Maria, mas no batismo católico, pouco após o fim da guerra, seus pais e padrinhos tomaram uma súbita decisão. Por estar vivendo um lindo e pacífico momento em que os povos se congoçavam após a bestialidade do conflito mundial deveria ter por sobrenome da Paz.

A família paterna era originária de Cachoeiro de Itapemirim, o avô possivelmente descendente de uma tribo de negros esbeltos, tivera um cartório em Vitória, a avó cabocla viveu em sua casa algum tempo após ter enviuvado. O avô materno português rico, dono de fazenda de açúcar casou-se com uma escrava sua avó paterna em Campos.

Com idade de 10 anos, a família muda para Catanduva, onde fez o admissão e até que em 1931 mudam para o Rio de Janeiro. A situação da família começa a decair e frustraram-se uma série de expectativas profissionais e o pai adoeceu, posteriormente se soube que era diabetes. Ele reagiu e teve que retornar para o interior paulista. Partiram todos para Marília, menos Maria que permaneceu no Rio, aluna interna no Instituto LaFayette. Entrou para a Faculdade Nacional de Medicina na Praia Vermelha em 1938.

No seu livro “Manhã de Manhães” relata suas memórias, a vida de sua família e a sua própria vida. Conta as mudanças de cidade do pai, a diversidade de origem das pessoas de São Carlos e refere a sua vocação para a medicina.

Da advocacia para a medicina não é só um passo. Mas, se algum dia hesitei entre os dois caminhos dei decidida e rapidamente os passos para a carreira médica. Teria marcado presença na opção o velho e bom Édipo? Por certo. Mas não apenas. Nem argüirei aqui o ter brincado de doutor na infância; isso faz qualquer criança, e sua lembrança o mais das vezes serve de lenitivo para as frustrações. É forçoso lembrar, no entanto, que em pequena certa feita entrei no consultório do papai e, dirigindo-me a uma cliente na sala de espera, disparei-lhe de supetão uma série de perguntas: “- O que é que você está sentindo? Está com dor de barriga? O Chico não desceu? Faltava apenas o estetoscópio pendurado no meu pescoço”².

Sua turma da Faculdade Nacional de Medicina, turma de 1944 era “pequena”, apenas 90, tinham muita ligação, gostavam de sair e dançar. Recentemente foi colaboradora na publicação de um livro sobre os componentes da turma, “Turma Sempre Unida.FNMU Br-1944” e comenta como os tempos mudaram.

² Maria MANHÃES, **Manhãs de Manhães**, p. 70-71

“- Podia passar uma noite de Natal visitando a Inaura (Inaura Carneiro Leão) visitando Maria Luisa (Maria Luisa Pinto, psicanalista, amiga de infância) e andando pela rua distribuindo presentes sem ser perturbada, não tinha o menor perigo. Hoje tenho medo de ir até a esquina. O mundo está problemático e as relações mais complexas, as pessoas são mais superficiais, não se sabe com quem se está lidando, as pessoas não tem interesse no que o outro faz e precisa. É só eu e mais eu” - falou nostalgicamente.

Esses comentários mostram uma Maria antenada com o mundo e suas dificuldades. Continua ativa e produzindo. Alguns dias após nossa conversa, foi uma das homenageadas pelo Conselho Regional de Medicina, (CRM), devido a mais de 50 anos destinados a medicina, evento para o qual se preparava planejando sua ida ao cabeleireiro, demonstrando seus cuidados com sua parte feminina.

No início de sua vida universitária foi a 1ª. Interna oficial, era a única estudante lotada no Engenho de Dentro, no Hospital de Neuro-Psiquiatria Infantil, no serviço de crianças doente mentais. Durante o curso foi trabalhar na Clínica Médica com Pedro Nava e no Pronto Socorro Sousa Aguiar. Essa primeira experiência com psiquiatria infantil, bem como as que se seguiram fazem parte da história da Psicanálise de Crianças no Rio de Janeiro.

Após sua formatura foi trabalhar da Sociedade Pestalozzi dirigida por Dona Helena Antipoff. Era uma instituição conhecida no Leme (Zona Sul do Rio de Janeiro) que atendia crianças e adolescentes com retardo mental. Chegou a dirigir a instituição quando D. Helena ia a Belo Horizonte. Fez concurso para o Departamento Nacional da Criança, aprovada como médica puericultora, e foi aberto o Centro de Orientação Juvenil sob direção de Dona Helena, aonde foi trabalhar, aí já com adolescentes. Lá conheceu Regina Viana, primeira assistente social psiquiátrica. Diferente da experiência anterior com crianças psicóticas, cuja experiência foi sofrida por estar no início do curso médico, sozinha no Rio de Janeiro e eram crianças que não progrediam, as crianças ou adolescentes que procuravam o Centro de Orientação Juvenil eram “normais” porém com problemas. Contaram também com a ajuda de uma americana, Reba Campbell, psiquiatra e psicanalista além de Regina Viana que havia vindo dos Estados Unidos.

A esposa do Ministro da Saúde da época, Clarita Mariani, pediu-lhe para fazer uma clínica para crianças na Praia Vermelha baseada nas clínicas de orientação infantil inglesas, as Child Guidance Clinics, e Maria Manhães inaugurou a 1ª Clínica de Orientação da Infância na Praia Vermelha, que posteriormente acabou. Atendia crianças da Urca, Botafogo e bairros adjacentes, e havia colaboração de psicólogos e assistentes sociais. Essas clínicas tentavam seguir o modelo da Tavistock Clinic de Londres. O tratamento era psicoterápico, feito de uma maneira simples, aprendida pessoalmente em livros, tinha o apoio de Reba Campbell e Rose Alvernaz, que era portuguesa e fazia parte do serviço social.

Devido a seus contatos, e interesses nessa área de criança e adolescente, conseguiu uma bolsa integral do Conselho Britânico para especialização em psicoterapia infantil, indo para a Inglaterra. Inicialmente foi para Leeds, uma cidade que não lhe interessou, e por querer algo melhor reviram seu pedido, e foi então para Londres por mais de um ano na

Tavistock Clinic, dirigida por John Bowlby. Visitou os melhores analistas, Anna Freud, que lhe enviou uma carta, e Winnicott. Este foi gentilíssimo, pois estava doente e posteriormente telefonou, e pediu que o desculpasse e que teria maior prazer em lhe atender. Convidou-a para frequentar a sua clínica, e foi lá vê-lo trabalhar. Era muito bonito porque Winnicott por ter sido pediatra pesava as crianças, a enfermeira prepara a ficha e pedia a ficha da mãe e da avó. Estabelecia um contato muito bom com o cliente e com quem ele ajudava. Já Bowlby era um psicanalista intuitivo e muito simples, que era procurado por pessoas das colônias inglesas.

Como uma coincidência da vida na sua ida de navio, relacionou-se com a cunhada de Adlaide Koch, psicanalista, fundadora da Sociedade Psicanalítica de São Paulo, amiga de Beata Vitória, consulesa do Brasil em Londres que vivia com Walter Schindler. Matilde recomendou-lhe Schindler para análise. Este era um analista judeu alemão refugiado na Inglaterra, com quem teve a primeira experiência de análise e lhe indicou que procurasse Werner Kemper no seu retorno ao Brasil.

Maria Manhães e a Psicanálise :

Membro efetivo, docente e didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) e membro titular da IPA, Maria iniciou sua formação psicanalítica em 1955 fazendo análise com Werner Kemper e posteriormente com Luiz Guimarães Dalheim. Pertenceu a 2ª Turma da Sociedade, na época, Centro de Estudos Psicanalíticos que logo se transformou em SPRJ. Recebeu uma bolsa para treinamento em psicanálise do Serviço Nacional de Doenças Mentais. Fez supervisão com Dr Dalheim e Gerson Borsoi. Foi analista e supervisora de vários colegas dentre os quais destacamos, Vitor Manuel de Andrade, Eronides Borges da Fonseca e Paulo Hermida e vários outros, No ano de 1960 passou a membro associado, e foi a 1ª de sua turma a apresentar trabalho oral e escrito, para concluir a formação analítica. Sua vinculação na Sociedade é longa e leal, tendo tido alguns cargos administrativos. Na gestão de 1966 a 1968 foi secretária quando o presidente era Dalheim. Em 1969 a 1971 foi presidente da Sociedade Psicanalítica tendo como secretário Leão Cabernite. Contribuiu para organizar os arquivos do DAP (Departamento de Assistência Psicológica). Na Associação Brasileira de Psicanálise, antiga ABP, hoje Febrapsi, foi secretária na gestão do Dr. Luis Guimarães Dalheim (1971 a 1973) tendo organizado o Primeiro Roster. No 25º aniversário da SPRJ era diretora da Comissão Científica, tendo organizado as festividades da época. Foi uma das fundadoras da atual Sociedade de Belo Horizonte que a homenageou, dando o seu nome à biblioteca e doando muitos de seus livros.

No intuito de desenvolver as idéias analíticas de Manhães, fui reler e ler vários de seus trabalhos. Diria que me surpreendi, ao fazer uma leitura mais profunda, com a sua tentativa de fazer avanços na teoria psicanalítica. Vários de seus trabalhos tem essa proposta, e quando não os consegue, procura sempre ter uma visão ampla do assunto que propõe. A curiosidade e a pesquisa, bem como a criatividade é um traço característico de seu pensamento, bem como de sua escrita. Devo lembrar que pela qualidade de sua escrita, foi convidada a fazer parte da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos. Fui percebendo ao longo de sua obra um pensamento moderno e atualizado , tendo sempre como base Freud, alguma influência das idéias de Melanie Klein, mas observando o pensamento de

outros autores. Em seus textos, esse aspecto abrangente, se manifesta na utilização de filósofos e sociólogos e outras áreas afins do conhecimento, para fundamentar os seus textos. Como grande admiradora das artes, do cinema e da literatura, estas se mostram sempre presentes nos trabalhos que escreve. Enquanto relia seus trabalhos, me dava conta mais uma vez da dificuldade que nós psicanalistas brasileiros temos de valorizar nossos autores. Parece-me que esse é um traço comum na cultura de nosso país e que tendemos a reproduzir.

Manhães escreveu vários trabalhos, alguns reunidos em livros que foram publicados, contendo artigos apresentados em congressos. Dando um exemplo de vitalidade, de vinculação com a vida e capacidade de estar atenta com seu tempo em 2003 apresentou seu trabalho “Envelhecimento” no XIX Congresso Brasileiro de Psicanálise em Recife.

Um de seus trabalhos mais conhecidos e do qual se orgulha é o chamado Peeping-Tom ou a “Importância do Fator Visual na Neurose Obsessiva”. Maria Manhães foi a primeira psicanalista brasileira, junto com Virginia Bicudo a apresentar trabalho de psicanálise em Congresso Internacional de Psicanálise, em Amsterdam, no ano de 1965. Foi ainda a primeira psicanalista a ilustrar o trabalho com um filme cinematográfico. Peeping Tom (Mórbida Curiosidade). Este fato enfatizado em nossa conversa, demonstra uma autora ciosa dos valores que conquistou no decorrer de sua vida. Nesse trabalho procura mostrar a importância do fator visual na neurose Obsessiva, utilizando um comentário de Freud sobre o homem dos ratos. O filme apresenta a história de um homem que escolhia mulheres belas de vida livre para filmá-las e depois assassinava com a lâmina que saía de maneira inesperada de sua própria máquina. Ilustra também a lenda de Lady Godiva e articula com um paciente com sintomas voyeristas,

Lançar mão da via cinematográfica foi um recurso muito utilizado em seus trabalhos. Por exemplo o filme *Appel Regina*, um filme italiano no trabalho sobre “Identidade da Mulher” Utilizou se da psicanálise aplicada ao reformular o conceito da latência, tomando como exemplo uma ópera de Ravel ilustrada com a história de Colette “L’enfant et les sortilèges” e também o livro “Alice no País das Maravilhas” de Lewis Carroll.

Falando sobre a adolescência, ilustrou com Anne Marie (*A mulher dos meus sonhos*) filme francês cuja temática é a relação de um adolescente do sexo masculino com sua mãe viúva. *The Member of the Wedding* (*Cruel Desengano*) um clássico americano trabalhando sobre a identidade, e desenvolvendo a história de uma adolescente órfã de mãe, e as vicissitudes de seu complexo de Édipo vivendo com o pai, uma babá negra, recrudescido pela chegada de um irmão mais velho. *Harold and Maud* com a mesma temática. No seu livro “O Prisma da Psicanálise na Cultura” descreve suas tentativas de utilização desta temática de Psicanálise Aplicada, na América do Sul, o que sempre lhe deu muito trabalho pois sua luta foi conservá-los dentro dos parâmetros da ciência que escolheu. Além de ter tido um bom treinamento, procurou respeitar e diferenciar o artístico do popular.

No seu primeiro livro publicado “Psicologia da Mulher” apresenta um grande número de trabalhos do seu período de Psiquiatria Infantil, trabalhos sobre grupoterapia, originários de uma época em que trabalhou com grupos no Hospital Pinel, e outros temas como Mania, Criatividade e Critérios de Cura, apresentados em Congressos Nacionais e Latinos

Americanos. Contou com a colaboração de Adolpho Hoirisch, um amigo e colaborador em vários outros trabalhos, Eustachio Portella Nunes, Nylde Macedo Ribeiro e Dirceu Santa Rosa.

No seu artigo *Psicologia da Mulher*, Manhães faz uma revisão das teorias psicanalíticas da época, utilizando os conceitos atualizados e modificados por Melanie Klein, Ernest Jones e Karen Horney que procuravam dar ao estudo da mulher uma concepção feminina. Esses autores fazem uma revisão dos conceitos freudianos que são vistos como falocêntricos (Karen Horney) ou estudados a luz das contribuições de Melanie Klein, na qual Ernest Jones afirma que “a mulher não seria psicologicamente um homem castrado, mas ela já havia nascido como mulher”. Acredita ainda, que o retrato que Melanie Klein faz de sua teoria sobre o desenvolvimento da mulher, soa mais verdadeiro do que o de Freud. A mulher necessita de mais objetos internos e depende muito deles, daí sua inclinação para a intriga, sugestibilidade, aliado a plasticidade, tudo isso a serviço da maternidade. É a mãe que transmite aos filhos os padrões culturais no início da vida, tanto a menina, quanto ao menino. Por isso achava que a mulher tem que conservar, também, sem prejuízo de si mesma, padrões masculinos.

Sua abordagem considera a relação com o homem e tentando uma compreensão despida de racionalizações, para entender a mulher. Haveria um trauma, uma ferida narcísica no início das civilizações, experimentada por ambos os sexos. O homem atingido por não poder procriar, a mulher porque gerando também daria nascimento ao mal. Portanto percebe as tentativas de ambos os sexos para negar e compensar o nascimento. O homem gerando os mitos dos nascimentos por meio dos seres masculinos (Prometeu, Pigmaleão, etc) a mulher negando seus órgãos reprodutores.

Tentando sintetizar o retrato da mulher o denominaria “Sorriso de Gioconda” em substituição ao chamado “enigma feminino” tentando objetivá-lo. A razão principal residiria em ter Gioconda, passivamente deixado retratar-se, e desde então muito se tem dito e escrito, o quadro tem sido alvo das mais variadas interpretações. Como resposta, um pequeno sorriso malicioso. O quadro de Gioconda ilustra de maneira cabal, ser a mulher um ótimo receptáculo das identificações projetivas.

Para a autora a mulher é um ser humano diferenciado, possui características próprias e só pode ser investigada considerando-a como tal. Ela não é como o homem, mas nasceu para viver com o homem. São seres que se completam.

Não poderia deixar de mencionar o frescor e a atualidade que senti ao reler esse trabalho.. No trabalho posterior de 1991 sobre “A identidade da mulher” apresentado no 13º Congresso de Psicanálise Manhães reitera algumas de suas conclusões anteriores, porém sempre com novos avanços.

A mulher é a senhora da vida e da reprodução humana. Esse talvez seja um dos temores que faça com que ela, paradoxalmente se sinta tão grande mas ao mesmo tempo tão pequena e delicada ;ela intui ser essa também uma das razões pelas quais ela é alvo dos ataques invejosos do homem. São momentos tão importantes

nos quais ela se dá conta que realmente não é só, ela não quer ficar só. Ela precisa do homem. Ele é o seu companheiro.³

Enfocando nesse trabalho o aspecto castrador do homem, em relação a mulher, representado por práticas médicas na sociedade contemporânea, bem como o aspecto castrador da mulher, ilustrado como já referido antes no filme *Appe Regina*, conclui “que a mulher se faz mulher ao olhar da mulher, mas esse fator terá que estar em interação com o conhecimento do parceiro masculino”⁴.

Um de seus trabalhos em que trata da latência, “Considerações sobre o Conceito de Latência” é representativo da tentativa de avançar as teorias da época. Estávamos em 1970, a psicanálise de criança ainda caminhava para construir um corpo teórico significativo tanto no Brasil, quanto no mundo. Havia ainda o predomínio da idéia de que esse seria um período de “adormecimento” como postulado por Freud, idéia com a qual não concordava. Acreditava que o desenvolvimento por seu contínuo mantém operativo os elementos instintivos, afetivos, fantasias e relações objetais. Percebia uma dificuldade dos analistas utilizarem os conhecimentos advindos da psicanálise de crianças e o rico acervo condensado nas histórias infantis e reconhecia e acreditava ainda, ao fato de que o interesse dos estudos e pesquisas, estavam centrados nos primeiros anos de vida e na adolescência.

A percepção de Manhães de que o trabalho com crianças não era bem visto pelos psiquiatras da época, porque era “conversa”, bem como essa dificuldade que os analistas tinham de utilizar conhecimentos advindos da psicanálise de criança, apontam para um problema que ocorreu durante um período da psicanálise. Desde essa época houve um considerável avanço, inclusive no reconhecimento oficial da IPA (International Psychoanalytical Association) a formação e aos analistas de criança e adolescentes, e a inclusão do tema em Congressos Nacionais e Internacionais. É nesse trabalho sobre latência que utiliza *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll e *L’Enfant et les Sortilèges*, este último baseado numa ópera de Ravel com o libreto de Collette, no qual relata um episódio envolvendo um menino de seis anos. São suas conclusões:

O período de latência, visto na sua intimidade, delimita uma fase intermediária do desenvolvimento psicológico da criança. Nesse momento estão em jogo de maneira mais ativa e dramática as forças regressivas e progressivas, operando quer em sentido contrário quer de maneira sinérgica num ir e vir contínuo

(...) Havia, pois, durante o período de latência, a recapitulação das fantasias pré-genitais em um momento em que a atuação dos elementos progressivos já podem agir como forças estabilizadoras. Isso permite não só a expressão das fantasias inconscientes mas, o que é muito importante a reformulação dos dados anteriores, às expensas do intenso trabalho de regressão que, concomitantemente, se desenvolve nessa fase do crescimento (...)

O período se caracteriza também por uma crise de identidade ao “Quem sou eu?” soma se o “Quem é você?”. Inerente ao processo de individuação, estão atuantes

³ Ibid, Identidade da Mulher, p. 6

⁴ Ibid, p.7

também os elementos da bissexualidade em busca de definição, e predomínio do masculino para o menino e o feminino para a menina.

Além das pressões internas verificamos a existência das advindas do exterior, através da cultura, objetivamente representadas pelas instituições sobretudo a escolar. Elas podem tornar-se tão exigentes e impeditivas ou tão liberais e permissivas que afetarão de maneira não sadia o desenvolvimento do latente.⁵

Esses avanços obtidos por suas idéias, correspondem as descrições próximas a puberdade. Num trabalho posterior, isso é reconhecido e citado a contribuição de Eronides Borges da Fonseca, que havia sido sua analisanda e conhecida analista de criança e adolescentes no Rio de Janeiro.

Com o desenvolvimento de sua clínica psicanalítica e vida institucional, houve um afastamento do trabalho com crianças mas manteve seu interesse pela Psicanálise da Criança e do Adolescente, tendo trabalhos apresentados e publicados sobre o tema. Em um deles “Função da Adolescência”, de 1980, utiliza sua experiência além de integrar conhecimentos aparentemente simples, produtos de observação, com conhecimento psicanalítico. A impressão que tenho ao ler mais profundamente seus trabalhos e que em alguns trechos “ Maria falando é Maria escrevendo”. Não há especulações teóricas, que poderiam facilmente ser depositadas em um canto qualquer, mas como ela diz:

versões de casos que se sucedem, dentro ou fora do consultório, fatos que me tocam ou coisas que me afetam de uma maneira ou outra. Eu brinco com esses materiais como um caleidoscópio, crio versões. O que dá no mesmo. Em algum momento me detenho numa figura e penso ter entendido o movimento das pedrinhas⁶.

Há um ponto que gostaria de ressaltar que é a sua vinculação com a medicina. Eis um trecho das considerações finais sobre a adolescência:

“Talvez seja porque sou velho, M.Poirot, mas acho que há qualquer coisa na juventude indefesa embora tão arrogante, impiedosa que me comove até as lágrimas’. Essa turbulência toda, expressões desnecessárias, a sensibilidade à flor da pele, o uso indevido ou exagerado de certos mecanismos de defesa, tudo isso me faz trazer para aqui, agora, a imagem analógica que sempre tive desse período. Quando um organismo sadio é surpreendido por uma hemorragia grave ele lança mão de todos os recursos: encontrar na corrente sangüínea células jovens, libertadas pela medula óssea, dá um grande alívio e faz pensar haver reação e que a tendência é ficar tudo bem⁷.

A vinculação com a medicina está presente em vários trabalhos. Na conversa que tivemos refere-se explicitamente a importância da semiologia, onde o destaque é dado aos sinais como postura do paciente, vestimentos, maneira como se apresenta e cumprimento.

⁵ Ibid, **Kaleidoscópio**, p.26-27

⁶ Ibid, p.8

⁷ Ibid, p. 38-39

Influência do Pedro Nava sobre quem escreve no seu artigo “Homenagem ao Médico Escritor do Ano Pedro Nava – 1981”.

Tínhamos que aprender, na prática, naquele estado de tensão permanente que ele descreve em “Beira Mar”. Vivíamos solertes, todos os sentidos aguçados, diagnóstico pelo olfato “odor de violeta e vinagre dos diabéticos em coma, de coalhada fecalóide dos tifentos; de alho do reumatismo poliarticular agudo”. Semiologia desarmada, contato direto, raciocínio...⁸

A medida que vou aproximando do final desse trabalho, me dou conta de como a vida de Maria foi preenchida por seu trabalho clínico, pelas análises que fez e pacientes que se trataram, pelos relacionamentos que conquistou e manteve ao longo de sua vida. A lealdade aos amigos é uma característica, bem como a vinculação com a SPRJ, os artigos e livros que foi produzindo. Com esse caminhar, estabelece um percurso e uma história, e surge o passar do tempo e a aproximação da morte.

E assim Manhães fazendo projetos se aproxima do tema da morte em 1990 com o livro “Enigma do Suicídio”. Trata-se de um assunto corajoso e espinhoso, ao qual se dedica com o mesmo afinco, encontrado em todos os seus trabalhos. Para ela vida e morte estão presentes a cada instante, no entanto o homem comum desenvolveu um aparente horror e medo da morte, embora não perceba que esteja a maior parte do tempo, convivendo e participando ativa e passivamente de pensamentos e atos destrutivos para consigo mesmo e com seus semelhantes. A psicanálise a partir de Freud aceita os instintos de vida, e posteriormente ele percebeu o instinto de morte, que foi desenvolvido por Melanie Klein e seus seguidores

Fez uma abordagem dos diversos fatores, internos e externos que levam as pessoas a abreviar o seu percurso natural de vida. Sua visão é abrangente incluindo aspectos filosóficos, religiosos, sociológicos e jurídicos. Procurou desta forma ampliar sua abordagem tentando não se restringir à visão psicanalítica, à qual questiona o valor universal, ou seja, um homicídio contra um objeto interno ou internalizado, não havendo aí um desejo primário de matar o próprio sujeito. Utilizou sua experiência clínica, e demonstrou levar as ameaças de suicídio de seus clientes muito a sério. Traz exemplos de casos atendidos, nos quais houve ameaças, tentativas e a efetivação do suicídio. Introduce aspectos da técnica para lidar com esses casos e do tratamento. Faz várias considerações das quais destaca a necessidade do terapeuta ter empatia para o caso, uma sólida formação psiquiátrica, admitir aliança com colega psiquiatra, contar com o auxílio de um representante da família, ter em mente uma boa anamnese, e tentar cooperar com o cliente para que ele possa ter e reter o objeto internalizado.

O livro seguinte foi “Ódio Mortal” de 1991. Maria me conta que em adolescente tentou ler o livro Moby Dick de Herman Melville e não conseguiu. Só anos mais tarde ao reler, pode entender que o conteúdo do livro esbarrava com sentimentos seus, e metabolizando-os pode então abordar a história mal digerida na pré adolescência. Trata-se de uma baleia branca, que era caçada por um baleeiro que a via como assassina. Neste trabalho aborda vários aspectos. O nome do baleeiro Acab e a origem bíblica do nome trabalhando a sua importância.

⁸ Ibid, p.136.

Como acontece em vários outros trabalhos, procura entender os mitos que originam o homem e seu destino visto através de seus componentes que são a maldade a crueldade, o ódio. Considerando os vários componentes da história como Acab, baleias, baleeiros traça paralelo com outros personagens da literatura como Macbeth e Hitler. Compreende como o uso da palavra caçar ao invés de pescar teve uma intenção, que era expressão do sacrifício impiedoso de Moby Dick, dilacerada pelo ódio de Acab.

Ao analisar a personalidade de Acab, utilizou o conceito de “ferida narcisica” de Freud e refere ao trabalho de Kohut, Pensamento e Raiva Narcisica, descrevendo o sentimento de ódio que pode desenvolver quando determinadas criaturas são lesadas em suas expectativas ou prejudicadas como no caso de Acab por Moby Dick. Alude a questão do “furor narcisico” citado por esse autor, uma estratégia de vingança meticulosamente planejada, impulsionada pelo ódio.

Percebemos paulatinamente construindo a sua trama utilizando sua cultura, mas tentando ir além, abordando temas diversos, os sentimentos densos e primitivos como Inveja, Agressividade, e Ódio, Identidade, Totem e Tabu. Vemos Manhães trabalhando um tema tão atual na Clínica e no mundo que é o problema do ódio. A agressão vê como uma força positiva, agregadora, nem sempre negativa, diferenciada do ódio que descreve como sentimento hostil contra o outro, levando a uma conduta agressiva e violenta, planejada, que tende a destruir o matar por cólera, e, às vezes, fúria e vingança. É um sentimento e uma conduta.

Assim vemos um tema tão atual com o qual nos deparamos em nosso dia a dia e na leitura dos jornais em várias situações de crime e violência.

Um de seus últimos trabalhos é sobre o “Envelhecimento” de 2003. Neste apresenta um pouco de história com Sófocles e Shakespeare, Filmes, Livros e Poemas, sua prática analítica, e belas ilustrações e o trecho de Jorge Luis Borges, Instantes, com o qual iniciei esse trabalho.

Finalizando:

Considerarei que a melhor maneira de finalizar o trabalho seria um depoimento de Maria Luiza Pinto, que é psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise e amiga próxima de Maria Manhães. Amigas desde a infância quando a família de Maria mudou para Catanduvas, interior de São Paulo, com cerca de 10 anos. Por coincidência ambas são Maria. Maria Luiza inicialmente me faz uma descrição de Dr. Manhães, o pai. Homem de muita cultura e inteligência, bom orador e escritor, havia sido professor de francês, médico, e por quem Maria tinha muita admiração. De sua mãe D Caridade herdou a capacidade de relacionamento e comunicação.

O pai de Maria Luiza também era médico, e era o prefeito da cidade e isso aproximou as famílias que se mantiveram sempre em contato. Com Maria houve momentos em que estiveram mais próximas ou mais afastadas. Um ponto comum entre as duas foi a admiração e a identificação com os pais.

Depois desse período inicial em Catanduvas, Maria e família veio para o Rio de Janeiro fazer o ginásio no Instituto Lafayette. A família de Manhães retorna para o Estado de São Paulo, cidade de Marília e Maria fica no Rio de Janeiro terminando seus cursos e ingressando na faculdade de Medicina.

Maria Luiza cujo pai estudara medicina no Rio, veio fazer o curso de Medicina na Praia Vermelha, e por recomendação de seu pai reencontra Maria Manhães. Foi morar em um pensionato, onde conheceu Inaura Carneiro Leão, já falecida, psicanalista, uma das fundadoras da Sociedade Psicanalítica do RJ e da Sociedade Brasileira de Psicanálise do RJ. As três com o tempo tornaram-se grandes amigas.

Maria Luiza posteriormente foi trabalhar no Serviço Nacional de Doenças Mentais (SNDM) no Hospital do Engenho de Dentro, em substituição a Inaura no mesmo internato no qual Manhães havia morado, e trabalhado com crianças, e posteriormente indo para o Pinel trabalhar em grupoterapia e colaborando com Alcyon Bahia.

A vida e o caminho das duas se aproximava e afastava. Maria Luiza foi fazer análise com Walderedo Ismael da Silveira, e vinculou-se a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Ambas continuaram no SNDM, no Hospital Pinel mas em serviços diferentes.

Porém a amizade sólida, que foi se constituindo ao longo do tempo, permanece até hoje. Maria Luiza é testemunha da cultura, do interesse da pesquisa, da capacidade de fala e escrita e da ligação com a psicanálise, que Maria Manhães manteve.

Em conjunto com Inaura Carneiro Leão faziam um círculo de psicanalistas amigas, que estavam em contato nos aniversários, festas e Natal. A lealdade às amigas é um traço que encontrei como característico de Manhães e percebo as vinculações afetivas com as amigas, comum em mulheres mais velhas, cujo companheirismo as mantém ligadas à vida.

Referências Bibliográficas:

HEIDDEGER, M. Ser e Tempo. RJ:Vozes,1990.

MANHÃES, M. Psicologia da Mulher e Outros Trabalhos. RJ:Atheneu, 1977.

_____. Kaleidoscópio. RJ: Gráfica MEC. 1987.

_____. Prisma da Psicanálise na Cultura. RJ: 1988.

_____. O Enigma do Suicido. RJ:Imago, 1990.

_____. O Ódio Mortal. RJ: Imago, 1991.

_____. Manhães de Manhães. RJ: Armazém das Letras, 1997.

_____. Identidade da Mulher – Muito Barulho Para Nada.. 13º Congresso Brasileiro de Psicanálise – São Paulo, 1991.

RAMOS, V.M. Algumas Considerações sobre Análise de Criança. Boletim Científico da SPRJ, 1991.